



LALELA: PRÁTICAS E PROCESSOS DE OCUPAÇÃO DO CONHECIMENTO NO ENSINO SUPERIOR NA ÁFRICA DO SUL (UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE DA CIDADE DO CABO)¹

June Bam-Hutchison

(University of Cape Town – Professora titular)

Texto traduzido por: Hilário Mariano dos Santos Zeferino²

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA
A doutora June Bam-Hutchison supervisiona estudantes em período de doutoramento em campos interdisciplinares, além de ensinar na graduação e na pós-graduação em Estudos Africanos na Universidade da Cidade do Cabo (UCT). Ela é também diretora-interina da Unidade Khoi e San da mesma universidade (Centre for African Studies/CAS). E-mail: june.bam-hutchison@uct.ac.za .

RESUMO	ABSTRACT
Este ensaio se baseia em uma apresentação feita em 1º de março de 2016, na Universidade da Cidade do Cabo (UCT), na África do Sul. O texto discute a importância de contextualizar o movimento #RhodesMustFall na UCT, dentro de um amplo cenário histórico-espacial de colonialismo e neoliberalismo. A “falta de escuta” tem raízes históricas nos anos 1600 no colonialismo da África do Sul e se tornou parte da cultura sistêmica de racismo institucional experienciada na UCT, uma universidade historicamente branca que pode ter sua trajetória traçada desde a época da <i>apartheid</i> . Esse desafio sistêmico é ainda contextualizado em meio a políticas econômicas neoliberais que, desde 1994, têm mudado poucas coisas, levando fúria aos <i>campi</i> universitários, como consequência do massacre de Marikana de 2012 e das políticas antipobreza em áreas urbanas, como na Cidade do Cabo (onde a universidade está situada). A UCT e o país são chamados para uma “escuta profunda” (<i>lalela</i>) no momento em que comunidades indígenas locais (descendentes dos povos Khoi e San), comunidades negras (em suas inclusividades), e a grande maioria de pessoas pobres passa a ocupar espaços percebidos como traidores de 1994. Há uma crise no Estado, refletida no aumento da pobreza e na ameaça à constitucionalidade (liderança política e xenofobia etc.), que impacta diretamente a universidade historicamente branca (curricularização e exclusão de conhecimentos essenciais) – daí a urgência por uma “escuta profunda”, tanto para imperativos político-econômicos, quanto para a produção de conhecimento em direção a uma África do Sul transformada.	This paper is based on a seminar paper presented 1 March 2016 at the University of Cape Town, South Africa. It discusses the importance of contextualizing the #RhodesMustFall Movement at the University of Cape Town (UCT) within a wider historical-spatial context of colonialism and neo-liberalism. The “lack of listening” has historical roots in colonialism since the 1600s in South Africa and has become integral to the systemic culture of institutional racism experienced at the historically white UCT which can be traced to the apartheid era. This systemic challenge is further contextualized within the neo-liberal economic policies since 1994 that has left much unchanged, leading to rage on university campuses in the aftermath of the Marikana massacre of 2012 and related anti-poor policies in urban areas such as Cape Town (where the university is situated). The university and country are called upon to “listen deeply” (<i>lalela</i>) as the local indigenous communities (of Khoi and San descent), black communities (in their inclusivity), and the vast majority of poor people start to occupy spaces perceived as having betrayed 1994. There is a crisis in the state reflected in increased poverty and the threat to constitutionality (political leadership and xenophobia etc.) that impacts directly on the historically white university (curricula and exclusion of essential knowledge) - hence the urgency for “deep listening” as both political-economic and knowledge production imperatives towards a transformed South Africa.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Escuta profunda; #RhodesMustFall; transformação da educação superior; racismo institucional; <i>lalela</i> .	Deep listening; #RhodesMustFall; higher education transformation; institutional racism; <i>lalela</i> .

¹ A revista *Inventário* agradece especialmente a Ana Lígia Leite e Aguiar, professora adjunta de Literatura brasileira na Universidade Federal da Bahia (UFBA), pelo trabalho voluntário de revisão deste artigo. Ana Aguiar é uma das pesquisadoras supervisionadas por June Bam no pós-doutorado da Universidade da Cidade do Cabo (2020-2021). A Revista também agradece a Hilário Mariano dos Santos Zeferino e a Luiza Cordiviola (luiza.cordiviola@ufba.br), respectivamente, pelos trabalhos de tradução e revisão, do inglês para o português.

² Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pós-graduando em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult/UFBA). E-mail: hilario.zeferino@ufba.br.

Em 9 de março de 2015, Chumani Maxwele,³ líder estudantil na Universidade da Cidade do Cabo (UCT), performou um ritual envolvendo fezes como destruição da estátua de Rhodes no *campus* em Table Mountain. O conselho universitário, em resposta aos protestos estudantis e à chamada pública pela remoção da estátua colonial, retirou-a um mês depois, em 9 de abril de 2015. Em resposta às campanhas sustentadas por estudantes contra a colonialidade e o aumento de taxas [mensalidades. N.T], e como culminância dos protestos #RhodesMustFall (#RMF) de outubro de 2015, o Arquivo Público de Cultura (APC) da UCT promoveu uma série de diálogos (originalmente elaborados como ensaios para um *workshop* de desenvolvimento de pesquisa). Como o maior movimento de protesto de estudantes de ensino universitário que o país viu desde 1994 [primeiro ano de eleição sem restrições raciais desde o *apartheid* instaurado em 1948, que acabou por eleger Nelson Mandela presidente da África do Sul. N. T.], esse momento revolucionário se tornou popularmente batizado pela mídia como a histórica “turma de 2015”. Por todo lado, cartazes enfatizaram a lenta transformação das instituições de ensino universitário, a provisão desigual da educação e as questões relacionadas aos direitos de trabalhadores(as). Para quem viveu o ativismo contra o *apartheid*, os protestos talvez tenham sido muito reminiscentes de um momento protagonizado pela Frente de União Democrática (UDF), uma frente unida composta por trabalhadores(as) e estudantes militantes que desafiou o estado do *apartheid* e trouxe uma reviravolta na derrubada de regras e políticas segregacionistas do Partido Nacionalista – embora apenas uma década depois –, e ainda que muitos adereços sistêmicos do *apartheid* ainda estejam firmemente no lugar, mais de 30 anos depois.

Ainda assim, tivemos ganhos consideráveis. Nós, agora, temos uma nova Constituição, uma Comissão de Direitos Humanos, uma Corte Constitucional, um novo currículo. Mas também temos uma nova elite negra demonstrando uma decadência visível, uma pequena, mas muito visível, classe pobre branca pedinte de semáforos (seus equivalentes negros no mesmo espaço permanecem invisíveis; sempre estiveram ali). Muito permanece inalterado nas ricas e bem servidas áreas residenciais brancas, e uma grande classe negra, relativamente invisível, foi removida para a periferia da Cidade do Cabo.

Significantes, mas algumas vezes pequenos demais, os ganhos têm sido feitos em áreas cruciais de justiça econômica e social e parece (ou pode ser interpretado como) haver uma crescente alienação da Constituição (dentro do partido governista, círculos de poder político e no território). Há, também, uma crescente tendência dentro da sociedade de descartar os novos processos sistêmicos de democracia e os direitos humanos inscritos na

³ Ver: Staffwriter (2015), “UCT statue defaced with sewage”, *ENCA*, 9 de março. Disponível em: <<https://www.enca.com/south-africa/uct-statue-poured-poo>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

Constituição⁴, e vivemos uma situação em que casos legais são feitos para convocar agendamentos de certos membros dentro dos partidos vigentes, nos termos da Constituição.⁵ A África do Sul está nitidamente enfrentando uma profunda crise democrática após a recente decisão da Corte Constitucional sobre o presidente Zuma e Nkandla, o que levou à difusão de mobilizações em massa (inclusive, dentro do partido governista) pedindo a renúncia do presidente.⁶ Olhos internacionais também estão pairando sobre a África do Sul a respeito da constitucionalidade, com jornais influentes como *The New York Times*, que publicou um artigo de Mark Gevisser⁷ sobre a saída do presidente Zuma.⁸

Algumas(uns) acadêmicas(os) chamam essa crise profunda na constitucionalidade da África do Sul de “desenrolar da Convenção por uma África do Sul Democrática (CODESA) e de 1994”.⁹ Nesse sentido, os alertas do economista e comentarista, Sampie

⁴ Isso parece evidente, por exemplo, no enfrentamento demonstrado pelo movimento estudantil do Ato 25 de 1999 da Agência de Recursos da Herança Nacional da África do Sul. (Esse ato teve como objetivo “empoderar a sociedade civil para cultivar e conservar suas heranças para que isso possa ser passado como legado para gerações futuras” e incluiu detenção por desfiguração de monumentos, tal como aconteceu em nível nacional em 2015). Através do #RMF, a juventude negra da África do Sul combativamente contestou a noção consensual de que estátuas e monumentos coloniais e do *apartheid* são “sua herança”. Além disso, como “rei da nação Zulu”, o inflamado discurso do rei Goodwill Zwelithini foi responsabilizado por ataques xenofóbicos recentes. Nesse discurso traduzido, Zwelithini se referiu a africanos de outros países do continente como “aqueles(as) que sujaram nossas ruas”. Outro exemplo de enfrentamento à Constituição é o recente conflito racial na Varsity Cup Match da University of Free State em resposta aos protestos pelo fim da terceirização (“*Outsourcing must fall*”). Ver: <<https://ewn.co.za/2016/02/23/UFS-suspends-classes-after-black-vs-white-brawl>>. O movimento civil alinhado ao partido Congresso Nacional Africano (ANC) desde então lançou a Rede Antirracista da África do Sul (ARNSA), aliança semelhante à Frente de União Democrática (UDF), com a #TakeOnRacism, reconhecimento das palavras do líder do ANC de que “o racismo esbanja capital humano”. O dia dos direitos humanos foi renomeado e deu origem à “Semana Nacional Antirracismo”, de 14 a 21 de março. Ver: <<https://ewn.co.za/2016/03/10/OPINION-Ahmed-Kathrada-Lets-recommit-to-non-racialism>>. Links acessados em: 3 ago. 2021.

⁵ Faz-se referência, aqui, por exemplo, à recente Corte Constitucional de 31 de março de 2016, em que o presidente Zuma falhou em apoiar e respeitar a Constituição no que diz respeito aos gastos não aprovados em sua propriedade em Nkandla. <<http://www.news24.com/SouthAfrica/News/zuma-violated-oath-of-office-and-constitution-trengove-20160209>>. <<http://mg.co.za/article/2016-04-05-concourt-did-find-zuma-did-not-uphold-constitution>>. Também, o questionamento da constitucionalidade do massacre em Marikana, em agosto de 2012, em uma África do Sul democrática pós-*apartheid*. <<http://mg.co.za/article/2015-08-17-marikana-massacre-and-neoliberal-plunder>>. Links acessados em 3 ago. 2021.

⁶ Disponível em: <<https://www.news24.com/News24/zuma-must-step-down-as-sa-president-but-remain-party-leader-say-some-gauteng-anc-leaders-20160413>>. Acesso em: 2 ago. 2021.

⁷ Autor da biografia *The Dream Deferred: Thabo Mbeki* (2007) [O sonho adiado: Thabo Mbeki, sem edição no Brasil. N. T.].

⁸ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/04/04/opinion/international/jacob-zuma-must-go.html?_r=0>. Acesso em: 4 ago. 2021.

⁹ Discussão movimentada pelo professor Peter Alexander, da Universidade de Joanesburgo, no Seminário de Discussão de Estudos Africanos, em Marikana, na Universidade de Oxford, em outubro de 2012. A interpretação do desenrolar de 1994 é mais apoiada no apelo recente de Zuma, após a Corte Constitucional



Terreblanche,¹⁰ e do estudioso da linguagem e ex-prisioneiro político, o falecido Neville Alexander, nesse “desenrolar inevitável”,¹¹ dada a magnitude dos sacrifícios feitos pela maioria na negociação do assentamento a respeito da terra e do capital, podem soar verdadeiros para muitas pessoas. O entrincheiramento de certos aspectos sistêmicos poderosos do *apartheid* é largamente visível dentro da espacialidade geográfica¹² e econômica da nova África do Sul.¹³

É a histórica universidade branca que, como instituição, provê a talvez mais convincente visão microscópica da injustiça social e situacional ainda vigente. O movimento #RMF trouxe muito disso à luz de maneiras muito convincentes e tem,

vigente em Nkandla – formada por 11 juízes(as) –, para que cidadãos(ãs) em KwaZulu-Natal votem para que a ANC consiga dois terços do parlamento de maneira a possibilitar mudanças em aspectos da Constituição. Embora ele se referisse a atrasos em serviços de entrega, isso sinaliza para uma inclusão relutante da Constituição de 1996 dentro de uma facção dentro da atual liderança do ANC. Disponível em: <<http://citizen.co.za/158002/give-us-enough-votes-to-change-constitution-jz/>>. Acesso em: 13 ago. 2021. Analistas argumentam que o presidente Zuma não está interessado em apoiar uma Constituição “Ocidental” e prefere uma maneira “africana tradicional”. (Embora se deva notar que o presidente Zuma indicou um firme comprometimento com a Constituição alguns meses atrás, em outubro de 2015) Ver: <<http://www.bloomberg.com/news/articles/2015-10-27/zuma-against-changing-south-africa-s-constitution-for-third-term>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

¹⁰ Ver: <<https://mg.co.za/article/2012-08-03-00-rich-get-richer-through-unfettered-capitalism-not-own-devices/>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

¹¹ Ver: <<https://www.marxists.org/archive/alexander/2006-racial-identity-citizenship-and-nation-building.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2021. Deve-se notar que Terreblanche, que defende um sistema capitalista mais “igual” do que a criação de pequenas elites negras e grandes elites brancas, e Alexander, que defende uma alternativa econômica socialista não racial, concordam nos sintomas de desigualdade econômica na África do Sul, mas diferem em propostas de solução. Pode-se dizer que foi dentro desse “desenrolar” que os pobres da zona rural da África do Sul podem encontrar conforto em lideranças africanas tradicionais na fala de um líder que usa a linguagem da promessa de “entrega de serviços” e “criação de empregos” ao invés de constitucionalidade (que é atualmente o ponto em que pessoas negras de zonas urbanas convergem). O desenrolar econômico para os pobres da zona rural (e até para pobres da zona urbana) pode, portanto, ter consequências políticas não intencionais no desenrolar da constitucionalidade. <<http://www.bdlive.co.za/national/politics/2016/04/04/news-analysis-zuma-must-go-that-depends-where-you-live>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

¹² Por exemplo, a restituição de terras na África do Sul é um processo longo e complexo para os(as) reclamantes. Muitos não entendem o processo e as informações não estão facilmente acessíveis exceto através de pressões de grupos civis. Em reconhecimento a essas dificuldades, o governo reabriu o processo para reivindicações estendendo o prazo limite até 30 de junho de 2019 (a data original era 31 de dezembro de 1998). <<http://www.gov.za/about-government/opening-lodgement-land-claims-campaign>>. Um novo caso nesse ponto é a impaciência com a justiça e o processo de restituição para ex-moradores/as do Distrito Seis [região conhecida por District Six. N.T.] após 50 anos de sua mundialmente conhecida retirada forçada da cidade para a região de Cape Flats <<http://www.vocfm.co.za/land-claim-delays-frustrating-claimants/>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

¹³ Um exemplo possível é o fato de que das 16 pessoas mais ricas (bilionárias) da África do Sul, de acordo com o *ranking* da Forbes em 2015, 14 são homens brancos (os Oppenheimer etc.) e dois são homens negros (Motsepe e Ramaphosa). Ver: <<https://www.forbes.com/profile/patrice-motsepe/?sh=659170246c93>>. Acesso em: 12 jul. 2021.

efetivamente, desafiado o assentamento da CODESA¹⁴, aspectos da Constituição de 1996 e suas leis associadas (como resultado do Ato dos Recursos da Herança Nacional) sobre esse cerne. A militância emergente do #RMF pode ser vista como o começo de um desfecho “inevitável”, que tanto Neville Alexander (descendente de etíopes escravizados dos Cape Flats,¹⁵ que leu, entre outros(as), Fanon, Trotsky e Lenin) quanto Sampie Terreblanche¹⁶ (um africâner branco economista da Universidade de Stellenbosch)¹⁷ previram. Em suas várias análises do que a “não escuta”, tanto pelo partido novo quanto pelo velho, poderia resultar, eles não olharam para Frantz Fanon para predizer nossa nova realidade “revolucionária”. Ambos simplesmente basearam suas hipóteses em uma observação bastante real e engajada com compromissos significantes que foram feitos nos anos da CODESA e em 1994, com exemplo de condições materiais e (o que viram como) consolidação do controle branco do capital. Ambos proveram análises propriamente sul-africanas e perspectivas de uma realidade muito apropriada à África do Sul, embora não tenham argumentado por um “excepcionalismo” sul-africano.¹⁸

Meu ponto é que não é uma leitura de Fanon que terá desencadeado nosso atual *ethos* revolucionário em universidades, mas, ao contrário, é a leitura de uma determinada realidade expressa com referências às úteis leituras de acadêmicos, como Fanon e Mamdani (como no caso da UCT), que expressa essas perspectivas.

A agitação revolucionária nas universidades em 2015 fez com que o governo do ANC se ajoelhasse em questão de dias e não restaram opções senão fazer concessões ao conhecer as demandas de estudantes, às vésperas do 40º aniversário de junho de 1976.¹⁹ Alguns(mas) acadêmicos(as) compararam o evento na África do Sul a outro acontecido, os

¹⁴ Convenção por uma África do Sul Democrática de dezembro de 1991 a 1993, um processo de negociação entre o regente Partido Nacionalista e o ANC com outros partidos políticos de acordo com o Acordo Nacional de Paz para encontrar um acordo mútuo e pacífico para “acabar” com as regras do Partido Nacionalista e preparar as eleições democráticas. CODESA foi boicotada pelo africâner de direita e as organizações negras de esquerda, como AZAPO e PAC (que viram o processo como uma venda). (A convenção da África do Sul depois da guerra do país foi uma negociação histórica que se assemelhou a poderes políticos e econômicos africâneres e britânicos, resultando no Ato de União em 1910, seguido brevemente pela formação do Congresso Nacional Africano em 1912 e o Ato de Terra em 1913; o impacto econômico dessa negociação continua profundamente ligado à economia e ao cenário da África do Sul).

¹⁵ Ver: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-14357121>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹⁶ Autor de *History of inequality in South Africa, 1652-2002* [História da desigualdade na África do Sul, 1652-2002, sem edição no Brasil. N. T.].

¹⁷ Ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=IKclKzGBR1Q>>. (“Pessoas brancas sul-africanas terão que fazer alguns sacrifícios”). Acesso em: 29 jul. 2021.

¹⁸ Discurso criticado pelo cientista político Mahmood Mamdani, em 1998.

¹⁹ Escrevi uma nota curta para a revista do APC de novembro de 2015 sobre o assunto.

“dez dias que abalaram o mundo”.²⁰ Ao final de 2015, o protesto desses(as) estudantes se espalhou por grandes capitais do mundo, como Londres e Nova Iorque. Um fenômeno que se assemelha a estratégias de guerrilha anarquistas, o *hackeamento* de e-mails universitários, (ainda que tenha sido negado tanto pela universidade da Cidade do Cabo quanto pelo movimento #RMF)²¹ indica que o mundo de Edward Snowden²² e o poder criativo da anarquia, como expressado no poder subversivo das redes sociais, é muito maior na África do Sul do que imaginado.

Recentemente, nos dias que se seguiram à queima das obras de arte da UCT em fevereiro de 2016 por manifestantes #Shackville²³ –, que inconscientemente incluiu o trabalho *antiapartheid* de Keresemose Baholo, intitulado “Tocha apagada da liberdade acadêmica”, de 1993, ao bombardeio do escritório do vice-chanceler e a mais ações de protesto de militantes sobre a crise de acomodação para estudantes negros(as). Max Price, então reitor da universidade, encorajou a comunidade universitária a “manter o espaço aberto para debate e compromisso – tão imaginativa e corajosamente quanto possível”.²⁴ Em resposta a esses protestos, Baholo afirma ter notado que a UCT deve “se antecipar”²⁵ e não “subestimar” como os(as) estudantes se sentem sobre a falta de transformação.

A UCT sempre foi um lugar predominantemente branco em que estudantes negros(as) (incluindo aqui “indianos(as)” e “de cor”) não eram autorizados(as) a viver em residências durante o *apartheid*. As poucas mulheres negras que eram permitidas na UCT tinham de viver fora do *campus*, como em Kajer House, em Athlone, comandada pela família Kadalie. Esperava-se que estudantes negros(as) fizessem arranjos privados para acomodação com famílias em Cape Flats. A UCT transformou a política racial para residência estudantil durante o *pós-apartheid*, mas parece ainda ser assombrada por desigualdades evidentes baseadas em classe e elitismo.

O Arquivo Público de Cultura (APC) tem tentado abordar os problemas de

²⁰ Em referência ao livro homônimo de John Reed (1919) sobre a Revolução Russa de 1912 (Cynthia Kross na remoção da estátua de Rhodes da UCT).

²¹ Ver e-mail de comunicação da UCT para funcionários/as e estudantes em fevereiro de 2016.

²² Ativistas de acesso à informação que vazaram centenas de documentos secretos da Agência Nacional Americana de Segurança para promover novas maneiras contemporâneas de abordar direitos de cidadãos(ãs), problemas que afetam a cidadania e promovem a conscientização pública sobre o controle e a vigilância governamental, isto é, com o amplo propósito de “tomar a internet de volta”. Ver: <https://www.ted.com/talks/edward_snowden_here_s_how_we_take_back_the_internet?language=en>. Acesso em: 30 jul. 2021.

²³ Nomeado assim em protesto ao que foi visto como exclusão de estudantes negros/as pobres das acomodações da universidade. Manifestantes montaram um acampamento no *campus* como forma de protesto para chamar atenção para sua situação.

²⁴ Ver e-mail enviado pela UCT em 22 de fevereiro de 2016.

²⁵ Denotando uma forma sensível e perspicaz de “escuta”.

transformação na UCT através de compromisso, de debate e “se antecipando”, no último ano, desde 16 de março de 2015, após a greve de estudantes e funcionários(as) em um encontro muito infeliz com símbolos de herança no *campus*. Esteve presente no encontro toda a comunidade universitária em seu sentido mais amplo, desde funcionários(as), estudantes, professores(as) a administradores(as). Como abertura para a discussão do que se pretendia que fosse uma série de conversas que começariam com o tema “herança, significação e simbolismo”, a greve, tanto de estudantes quanto de funcionários(as), foi essencialmente por “não serem escutados(as)”.

Como consequência dos protestos e em meio a mais protestos nacionais sobre ensino superior na África do Sul, que irromperam logo depois, o tema dominante que emergiu das conversas em outubro de 2015 no *workshop* da APC foi a fantasmagórica presença de uma contínua ferida na África do Sul.²⁶ Nessa conversa, o artigo de Xolelwa Kashe-Katiya, integrante e pesquisadora honorária do APC e do Instituto Mapungubwe de Reflexão Estratégica, direcionou o diálogo sobre “Heranças de feridas da África do Sul”. Como Kashe-Katiya comenta, “os eventos ao redor dos protestos de estudantes oferecem uma janela para nossas feridas. Contudo, é necessário entender a natureza dessa ferida purulenta e também de um contínuo fermento histórico”.

A conversa levou os temas “ferida” e “ferimento” para além do contexto economicamente sugestivo do #FeesMustFall e dos problemas de sacrifício, mas também como um elemento-chave para um processo de cura e às diferentes maneiras pelas quais isso pode ser visto; *vis a vis* “o sacrifício de uma besta”, “o sacrifício de narrativas de autossabotagem” e “o sacrifício de ilusões coletivas sobre nosso passado e até mesmo sobre nosso presente” etc. Nós nos lembramos, nessas conversas, de que algo está fundamentalmente na maneira como nos relacionamos com outras pessoas na realidade da nova África do Sul; que há um enraizamento profundamente relacionado com nossa autossabotagem à qual a África do Sul “chegou”, mais de 20 anos após 1994.

²⁶ Um tema que admitidamente se tornou o assunto do debate dentro de comunidades indígenas globais é a conversa sobre resiliência e agência. Feridas são entendidas como ligadas a uma psicologia pós-colonial, como um risco para a criação de comunidades mais seguras e mais saudáveis. Contudo, pode-se dizer que essa “ferida” tem um elemento de agência social inerente e em verdade nos leva além do que algumas críticas chamariam de “discurso vitimista” que reemergiu após a guerra da Alemanha e do Holocausto (alemães(ãs) como “vítimas”) e entre pessoas brancas no pós-*apartheid* na África do Sul com relação a ações afirmativas. Discurso vitimista é visto como uma maneira de desviar-se da responsabilidade histórica. (Alon Confino, ‘Remembering the Second World War, 1945 – 1965: Narratives of Victimhood and Genocide’ in *Cultural Analysis* 4, 2005, University of California) É dito que o TRC contribuiu para o discurso vitimista na África do Sul. (Michael Neocosmos, CODESRIA, 2006).

Seria seguro afirmar (dados os eventos nos *campi* desde março de 2015) que a “nação arco-íris” é, na verdade, uma falsa realidade;²⁷ nós nos relacionamos com uma hostilidade silenciosa, com um ressentimento silencioso, mútuo, não resolvido e não dito e até mesmo com luto e talvez medo do que se “perdeu” na ambivalência de 1994 (que foi sobre um ganho espiritual coletivo e simbiótico por sacrifício econômico e perda em retorno).

Apesar da interferência de partidos políticos, as consequências dos sacrifícios econômicos feitos em 1994 continuam uma realidade vívida para a maioria dos sul-africanos. Por exemplo, uma pesquisa recente feita pelo Instituto de Justiça e Reconciliação (encarregado do trabalho da Comissão de Verdade e Reconciliação (TRC)²⁸ com Tutu como patrono) indica uma significativa gravitação em direção a partidos trabalhistas²⁹ como uma nova oposição ao partido liberal ANC³⁰ – dados os problemas econômicos não resolvidos no país. Não surpreendentemente, problemas de “memorialização” se tornaram fortemente atados a problemas econômicos que acarretaram perdas para a maioria e ganhos para uma pequena minoria.

Com as injustiças econômicas (moradia, emprego, meio ambiente, remuneração) vêm as armadilhas usuais de injustiça especial, educacional e cultural (áreas residenciais, língua, currículo, acesso e permanência de estudantes negros(as) em universidades e escolas, monumentos etc.). Para muitos(as) jovens negros(as) sul-africanos(as), monumentos coloniais ubíquos em centros urbanos se tornaram símbolos problemáticos de feridas purulentas da injustiça econômica e da ainda não resolvida questão de terra. Eles provêm a proximidade espacial para um ataque físico, diferentemente de um poderoso sistema econômico complexo, historicamente profundo, e que é globalmente intrincado e inacessível.

A Constituição, enquanto produto de negociação política, permite a coexistência de poderes econômicos novos e antigos, de novas e antigas heranças, para ambivalência que vem com convenções políticas; uma situação *pós-apartheid* quintessencial. Por muito

²⁷ Muitos estudos na África do Sul desde 1994 nos amplos e interdisciplinares campos de economia, saúde, ciências, estudos ambientais, herança, lei, planejamento urbano, antropologia, ciência política, sociologia, educação, história etc. têm sido exatamente sobre mostrar essa nova realidade.

²⁸ Estabelecida a partir da Seção 29 da Promoção de União Nacional e Ato de Reconciliação de 1995.

²⁹ Historiadores/as e acadêmicos/as, como o falecido Martin Legassick e os Workshops de História das Inteligências do prof. Noor Niefertagdien, estiveram ativos/as nos últimos anos criando uma realidade política subalterna com colaboração de movimentos de trabalhadores/as para abordar problemas de justiça econômica em um “esforço coordenado” contra a pobreza, a desigualdade e o racismo. Esses/as acadêmicos/as argumentam que raça e racismo conservam suas profundas relevâncias no discurso atual da África do Sul. (“Martin Legassick: Messages of condolence, remembrance, solidarity”, Memorial Service, St George’s Cathedral, Cape Town, 12 March 2016).

³⁰ Ver: <<http://www.ijr.org.za/>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

tempo, durante esses 20 anos após 1994, essa ambivalência provavelmente trabalhou na superfície, embora a África do Sul estivesse tomada por greves e protestos, particularmente após a primeira década de “liberdade”, até o choque de Marikana, em 2012, o longo processo de morte de Mandela em 2013³¹ e a aumentada fragilidade e envelhecimento de Desmond Tutu, que sempre nos lembrou de ver as cores do arco-íris. Mas até mesmo Tutu nos alertou, tanto em anos recentes quanto em agosto de 2011, sobre a acumulação de riquezas e as despesas de uma crescente classe negra pobre, que a nação do arco-íris estava de fato sob ameaça se não fossem reconhecidos os(as) beneficiados(as) com *apartheid* e as ações de doação para criação de uma sociedade mais equilibrada.³² Tutu falava de uma problemática na segunda década após a “liberdade” que trouxe para a superfície todas as profundas feridas purulentas intergeracionais³³ (que não encontrariam palco para serem ouvidas pela TRC). Foi nessa segunda década (entramos agora em uma terceira) que percepções de “não escuta” aumentaram e uma nova realidade de injustiça econômica se tornou uma presença fantasmagórica para muitas pessoas.

Nos primeiros dez anos de democracia na África do Sul, veicularam-se campanhas nacionais visíveis para a conscientização sobre a Constituição e sobre a *Declaração de direitos*. Isso também foi impulsionado pelo programa nacional de valores educacionais para escolas,³⁴ que lidou com responsabilidade e comprometimento constitucional e com “audição e escuta” em um âmbito multilíngue.

Contudo, há ainda um questionamento por parte de jovens negros(as) da África do Sul³⁵ sobre aspectos da Constituição de 1996 e o TRC como possivelmente “injustos”.³⁶ Na

³¹ Tem havido muita especulação e rumores de que Nelson Mandela teria morrido muito antes do anúncio público devido a preocupações com segurança na África do Sul. Independentemente de isso ser ou não verdade, sinaliza a natureza precária da estabilidade política da África do Sul na imaginação popular.

³² Ver: <<http://www.sowetanlive.co.za/columnists/2011/08/18/wealth-tax-call-draws-mixed-reactions>>. Acesso em 15 jul. 2021.

³³ Acadêmicos/as emergentes na África do Sul agora olham para a exclusão do trauma da escravização na Cidade do Cabo e o impacto do desalojamento (através de expropriação de terras e de remoção forçada) para o discurso social no país. Embora continue relativamente novo na África do Sul, o reconhecimento desse tipo de trauma já está presente na academia com o holocausto, a experiência aborígene australiana, na Nova Zelândia, Canadá, no tráfico transatlântico de pessoas escravizadas etc. (Ver a tese de PhD de Shanaaz Hoosain, de 2013).

³⁴ Ver o Manifesto de valores, educação e democracia do Ministério da Educação. Disponível em: <<https://www.education.gov.za/LinkClick.aspx?fileticket=tYzHKQLJLJE%3D&tabid=129&mid=425>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

³⁵ Embora o EEF tenha usado a Constituição contra o presidente Zuma nas questões de Nkandla, eles(as) fizeram campanhas para revogar as cláusulas de propriedade na Constituição de maneira a abordar “pobreza e desigualdade” no final de 2015. Ver: <<http://www.biznews.com/transformation/2015/10/30/effs-dali-mpofu-changing-the-constitution-tackling-inequality-poverty/>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

³⁶ Ver, por exemplo, “The TRC and CODESA failed South Africa: it’s time we reflect on this” [“O TRC e a Codesa falharam com a África do Sul: é o tempo de refletirmos sobre isso”], de Frank Meintjies, set. 2013.

África do Sul contemporânea, organizações de caridade, como a Fundação Nelson Mandela, parecem estar tomando para si uma responsabilidade nacional.³⁷ Acidentalmente, a fundação, recentemente, convocou uma reunião urgente com a ANC para discutir a crise constitucional e os problemas sistêmicos enraizados no país que “precisavam receber atenção pública contínua”.³⁸

Estamos rapidamente aprendendo a viver com uma presença fantasmagórica profunda na África do Sul – e a questionar nossas responsabilidades individuais e institucionais sobre isso – ao passo em que eventos irrompem ao redor da memória do último sacrifício feito por muitos e dos ofensivos monumentos na paisagem. Além disso, protestos estão se movendo velozmente em direção ao combate a problemas econômicos e de reclames de terra não resolvidos. Por exemplo, Richard Pakleppa, documentarista de *Paths of freedom*, filme que fala sobre a história de pessoas que lutaram pela liberdade na Namíbia, através do uso da oralidade e fontes arquivísticas, compartilhou reflexões no *workshop* de outubro do APC sobre a noção de “fantasmagórico” através de médiuns espíritas, como Colleen Williams, jovem ativista da ANC que sofreu um assassinato pelo governo do *apartheid* em Athlone, nos anos 1980, por uma armadilha. Enquanto o partido vigente continua a ser percebido em sua falha com o povo da África do Sul, há também o ressurgimento de memórias do preço pago por ativistas com menor reconhecimento, como Dulcie September³⁹ e outras pessoas, desvelando que o discurso público não está mais apenas confinado à narrativa pública dominante do ANC, como no caso de Ruth First e de outras pessoas.

Além disso, no começo de 2015, 147 transcrições de audiências confidenciais do TRC foram entregues ao Arquivo de História da África do Sul e essas transcrições poderiam revelar “verdades”⁴⁰ sobre o corte de fundos do Escritório de Cooperação Civil, que foi usado para o assassinato de Dulcie e outras pessoas, no *apartheid*. Recentemente, a família de Ashley Kriel, ativista do ANC e vítima de assassinato em 1987, reabriu as investigações sobre o fato com a ajuda de um especialista forense contratado. Sabe-se, agora, que sua morte não foi “um engano”, como dito por Benzien para o TRC, mas um

³⁷ Ver: <<https://www.nelsonmandela.org/news/entry/my-constitution-exhibition-giving-a-voice-to-young-South-Africans>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

³⁸ Ver <<http://www.bdlive.co.za/national/2016/04/09/mandela-foundation-seeks-meeting-with-anc>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

³⁹ Dulcie September foi uma professora de cor de Athlone nos Cape Flats, que foi assassinada em 1988, em Paris, onde era chefe representante do ANC. Após sua morte, 60 mil pessoas marcharam por Paris em protesto. Contudo, ninguém nunca recebeu acusação por seu assassinato. Em 2015, uma peça chamada “Cold Case”, escrita por Sylvia Vollenhoven e Basil Appollis, foi encenada no Teatro Baxter como maneira de revisitar sua morte e memória.

⁴⁰ Ver “TRC files reveal damning truth” [“Arquivos do TRC revelam verdade condenatória”], de Zenzile Khoisan, 12 de abril de 2015.

assassinato.⁴¹

Sentimentos “fantasmagóricos” não são apenas expressos entre jovens militantes sul-africanos(as), mas também por ativistas *antiapartheid* de uma geração mais antiga, como ex-prisioneiro(as) políticos(as) de Robben Island que agora atuam como guias turísticos(as) na ilha. Extraoficialmente, eles(as) falam de desalojamento, de desemprego, de serem “esquecidos(as)” pelos sacrifícios que fizeram. Sentimentos similares são expressos em Cape Flats por quem foi prejudicado(a) no incidente do Cavalo de Troia, em Athlone, em 1985. Esses(as) ativistas se alinham com o Movimento Revivalista Khoi e San, que clama por justiça social.⁴²

Como toda instituição de ensino superior historicamente branca, não seria diferente na UCT, apesar de sua consciente renomeação de espaços e contínuos esforços nesse assunto,⁴³ que permanece um espaço assombrado por memórias que se arrastam sobre experiências psicológicas intergeracionais⁴⁴ e de violência econômica (o frequentemente citado caso de Mafeje,⁴⁵ a experiência não contada da licença do sistema para estudantes negros(as) sob o *apartheid*,⁴⁶ as atuais acusações de racismo institucional⁴⁷ pelo #RMF, acadêmicos(as)⁴⁸ e funcionários(as) negros(as) etc.)

⁴¹ Ver <<http://www.iol.co.za/news/crime-courts/support-for-ashley-kriel-petition-1995484>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁴² Ver June Bam-Hutchison “Contemporary KhoiSan identities in the Western Cape and campaigns for social justice” [“Identidades Khoi e San contemporâneas no leste da Cidade do Cabo e campanhas por justiça social”], no Boletim da Biblioteca Nacional da África do Sul, Vol. 69. n. 2, dezembro de 2015.

⁴³ Assim como renomear um antigo prédio de Engenharia Química pelo nome Khoi e San “Hoerikwaggo”, em 2005; ou prédio Neville Alexander; ou Prédio A. C. Jordan; Cissie Gool Plaza; Sala Archie Mafeje etc. Há atualmente pedidos públicos para renomear o Jameson Hall etc. com prazos e pressão evidentemente urgentes. Ver: <<https://www.capetownetc.com/news/uct-may-rename-more-buildings/>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁴⁴ Ver, por exemplo, <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0256-95742012000600081> sobre a experiência de discriminação racial na faculdade de Medicina da Universidade da Cidade do Cabo entre 1945 e 1994, assim como até 1985 estudantes negros(as) eram convidados(as) a se retirarem de turmas cujos(as) pacientes fossem pessoas brancas (incluindo cadáveres de pessoas brancas). Essa pesquisa também aponta que a UCT aplicou suas próprias práticas de racismo institucional muito antes de o *apartheid* ser imposto como política em 1948, como o Conselho que barrava estudantes negros/as de estudar lá, e, quando eram eventualmente permitidos(as) na universidade, eram barrados(as) de se misturar socialmente com estudantes brancos(as) no esporte e em outras atividades. Grupos tutoriais eram racialmente segregados e membros sênior da faculdade lembravam aos(as) estudantes negros(as) de serem “gratos(as)”. O artigo nota que a UCT só admitiu seu(sua) primeiro(a) estudante negro(a) sul-africano(a) na faculdade de Medicina em 1985.

⁴⁵ Baseado na saga de 1968 sobre a nomeação do reconhecido acadêmico negro Archie Mafeje como professor titular em Antropologia Social, que foi interrompida pelo estado do *apartheid* e levou a protestos no *campus*. Mafeje concorreu novamente para a posição da mesma cadeira na UCT em 1994, mas não obteve sucesso.

⁴⁶ Essas experiências estudantis na UCT ainda não foram documentadas através de histórias orais. O sistema que permitiu a entrada de estudantes negros(as) foi introduzido entre 1959 e 1985 como parte da política

Falando de violência intergeracional e práticas excludentes, ainda não se reconhece muito isso em discursos públicos, exceto de seu poderoso lugar no discurso do presidente do Conselho de Representação Estudantil (SRC) da Universidade da Cidade do Cabo, Ramabina Mahapa, em 16 de março de 2015, no começo do agora poderoso movimento nacional da juventude – que diz que a UCT ocupa antigas terras Khoi e San.

Isso convoca a nós, como “profundas/os pensadoras/es” acadêmicas/os, a intervir eticamente e adequadamente – não apenas de maneira cerimoniosa –, mas também em nossas ações individuais como aquelas/es que controlam parte do poder dentro do sistema. À época, Mahapa fez reflexões críticas sobre o discurso “Eu sou um africano”, do então presidente Mbeki em nome do Congresso Nacional Africano na adoção da Constituição da África do Sul em 8 de maio de 1996. Ele citou Mbeki em “almas desoladas que assombram a vastidão da bela Cidade do Cabo; aqueles(as) que foram as primeiras vítimas do genocídio mais impiedoso que nossa terra já viu, os(as) primeiros(as) a perder suas vidas na luta para defender nossa liberdade e aqueles(as) que, como pessoas, pereceram como resultado disso”. Mahapa nos lembrou, então, que o discurso de Mbeki tinha sido essencialmente sobre *assombrar*, e era um chamado para “ouvir” a narrativa de um genocídio silenciado e de uma luta recente por liberdade que frequente e muito facilmente perde seu lugar na grande narrativa pós-*apartheid* da história da África do Sul.

Percepções de chauvinismo nacionalista negro às custas do reconhecimento da presença e da luta Khoi e San contra o colonialismo europeu no sul da África são largamente expressas em conversas cotidianas (especialmente na Cidade do Cabo) e de modo a revelar que esse reconhecimento é temido e pode erguer profundas questões na

educacional do *apartheid*. De 1983 (na época do Parlamento Tri-Cameral), o Ato-emenda da Universidade introduziu o sistema de cotas para substituir o sistema de permissão. Até 1983, era considerado ofensa criminal um/a estudante negro/a se registrar em universidades formalmente abertas sem permissão especial do governo. Uma pessoa que não fosse branca teria que se inscrever através do Ministério da Educação do *apartheid* para estudar em uma universidade branca inglesa, tal como é a UCT. A permissão exigia a aplicação com base no fato de que a universidade da ‘tribo’ designada do(a) estudante não oferecia o curso que o(a) estudante negro(a) (negro africano, “de cor” ou “indiano”) desejava estudar. As escolhas populares para ganhar entrada na UCT na área das humanidades foram Lei e Governo Africano Comparativo (CAGL) e Arqueologia. Era mais difícil entrar em Ciências e Medicina se você fosse negro(a). Na exclusiva faculdade de Medicina a experiência de estudantes negros(as) era particularmente alienante (como tem sido documentado).

⁴⁷ Ver o capítulo 2, seção 9 da constituição, 1996.

⁴⁸ Vozes públicas de liderança sobre o contínuo racismo institucional na UCT incluem nomes como Siona O’Connell e Xolela Mangcu. Ver <<http://mg.co.za/article/2014-09-08-uct-a-campus-at-odds-with-itself>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

O’Connell relatou ter recebido 800 e-mails de ódio (suspeita-se que tenha vindo também de colegas brancos/as) após publicar seu artigo sobre racismo no jornal da UCT. Ver: <<http://www.iol.co.za/capeargus/what-ucts-not-telling-their-first-years-1806441>>; <<http://www.iol.co.za/news/south-africa/western-cape/uct-lecturer-ostracised-after-column-1824551>>; <<http://www.universityworldnews.com/article.php?story=20150402171658897>>. Acesso em: 3 ago. 2021.

problemática não resolvida da queima de terras de pessoas indígenas da Cidade do Cabo – um problema sobre o qual Neville Alexander consistentemente nos alertava em suas muitas falas públicas desde seu retorno de Robben Island, no fim dos anos 1970.⁴⁹

Pesquisas sobre o genocídio dos povos Khoi e San são conduzidas de modo privado por acadêmicas(os) na segurança de periódicos, livros e artigos acadêmicos, ao mesmo tempo em que se tornou um dos temas mais fortes para organização de ativismo por justiça social revivalista Khoi e San.

Essa tensão precisa de solução, levando debates adiante e de forma acessível e alcançando justiça econômica e social para os povos autoidentificados Khoi e San. As atrocidades conhecidas (em jornais e publicações do gênero) precisam ser abertas para o conhecimento, reconhecimento e discussão públicos. Eles(as) precisam ser “escutados(as)” e assistidos(as) através da voz de seus descendentes. A África do Sul precisa parar e “escutar” de uma nova maneira.⁵⁰ Audições públicas recentes sobre a marginalização e o genocídio dos(as) Khoi e San aconteceram em novembro de 2015 como parte do ativismo por direitos humanos, tendo como base as reclamações sobre o acesso a serviços básicos, terra etc. recebidas pela Comissão de Direitos Humanos da África do Sul.⁵¹ Mais de 20 anos depois, estamos apenas no começo dessa escuta.

Ativistas do Revivalismo Khoi e San traçaram paralelos com a situação dramática de povos nativos estadunidenses, aborígenes australianos e maoris na Nova Zelândia.⁵² Na África do Sul, debates acadêmicos estão em outra esfera da complexidade de identidade e etnicidade, embora tenham validade teórica, podem ter resultados não intencionais de confusão e de atraso de campanhas por justiça econômica para pessoas evidentemente pobres e comunidades desapropriadas.⁵³ Ouvindo as contranarrativas de despossuídos(as) podemos aprender algo novo, como o quão diversas são suas próprias identidades, que há de fato uma preocupação sobre a construção de identidade e de chefes, que pessoas são mais integradas com os(as) Khoi e San do que são reconhecidas como tais. Essa “nova” escuta pode empoderar estratégias de abordagem inovadoras para os atuais atrasos em, efetivamente, tratar problemas cruciais e fundamentais de justiça social e econômica. Só poderemos fazer isso através de mudanças e aberturas em nossas práticas acadêmicas. Por exemplo, a pesquisa participativa significa *realmente* escutar? E o

⁴⁹ A autora foi orientada por Alexander no momento civil de sua soltura de Robben Island, no final dos anos 1970, nos Cape Flats.

⁵⁰ O Capítulo 2, seção 9 da Constituição da República da África do Sul de 1996 diz respeito a esses direitos.

⁵¹ Ver <<http://www.vocfm.co.za/our-human-rights-are-violated-khoi-and-san-chair/>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁵² A autora pesquisa nessa área de ativismo social.

⁵³ Meu argumento é que o ativismo de herança “Khoi e San” é um coletivo organizado para justiça social e histórica ao invés de uma voz de um grupo “eticamente definido”.

que significa realmente *escutar e abrir as abordagens para a academia e para maneiras de conhecimento diferentes das nossas*? O que é essa *nova escuta* que nos faz ir além das limitações da voz de 1980 do discurso na África do Sul, por exemplo?

A Universidade da Cidade do Cabo, sem dúvidas, não escapará ao impacto da onda dos movimentos pelos direitos indígenas no mundo e à “ferida” frequentemente expressa pelos(as) diversos(as) descendentes dos(as) Khoi e dos(as) San sobre a terra que um dia ocuparam. A noção de UCT como “presente de Rhodes”, que emergiu em debates públicos em redes sociais durante 2015, é percebida como uma forma de violência profunda e consolidação da negação da associação de antigos⁵⁴ povos Khoi e San e sua centenária ocupação do sul da África.⁵⁵ Então, não é de se surpreender que a UCT, em particular, como um lugar intergeracionalmente marcado, tenha se tornado alvo para eventos catalíticos nacionais revolucionários na nova África do Sul, com estudantes da Faculdade de Humanidades sendo pioneiros em suas citações acadêmicas de Fanon e outros(as).

Alguns(mas) espiritualistas indígenas podem argumentar que a UCT nunca deixará de ser “assombrada” enquanto ocupar terras Khoi e San – sem reconhecimento público –, uma terra na qual atrocidades contra os direitos humanos (através de exclusão e discriminação) foram cometidas durante as décadas consecutivas de segregação e de *apartheid*. Portanto, é um lugar que pede uma cura espiritual e cerimônias de limpeza constantes em seus vários espaços para a cura de feridas intergeracionais. Algumas pessoas disseram sentir uma profunda e catártica sensação de cura quando assistiram ao levantamento por guindaste da estátua de Rhodes, em 9 de abril de 2015. Dias que precederam esse enterro eventual de um dos muitos fantasmas de Rhodes,⁵⁶ a UCT se tornou um espaço cerimonial para um teatro de lamentação mútuo⁵⁷ de noções de perdas intergeracionais sofridas através da “desapropriação” de todos os tipos na paisagem da África do Sul.

⁵⁴ Denotando aqui não uma ocupação tribal atemporal, mas uma ocupação antiga de terra como com os aborígenes da Austrália.

⁵⁵ Evidências de ocupação Khoi e San podem ser encontradas na Etiópia. Neville Alexander foi um descendente de etíopes.

⁵⁶ Uma pesquisa rápida por “Rhodes” no Google revela quando profundamente seu legado está inscrito no mapa, na indústria hospitalar, em instituições educacionais etc. O *campus* superior da UCT está localizado sob o nariz do imponente Memorial de Rhodes de Cecil John Rhodes montado a cavalo, olhando da Cidade do Cabo para o Cairo, flanqueado por leões majestosos. Após a remoção da estátua de Rhodes em abril, o memorial foi “atacado” em setembro de 2015, tendo o nariz de Rhodes sido cortado e no lugar foi pichado com palavras como “racista, ladrão e assassino”. Ver: <<http://www.iol.co.za/news/crime-courts/mystery-of-rhodes-missing-nose-1918649#.VgAZRhGqpBc>>. Acesso em: 4 ago. 2021.

⁵⁷ Embora estudantes negros(as) e brancos(as) tenham agido em solidariedade nesses momentos, o teatro de resistência que era encenado tinha uma polarização racial visível entre cidadãos(ãs) negros(as) e brancos(as) (de “fora” da universidade) que assertivamente ocupavam o espaço da performance.

Coberto por um tecido branco (em tal ocasião, o ritual da morte para a estátua de Rhodes parecia uma preparação para o *Janazah*, o enterro islâmico), um pano vermelho (que, em enterros chineses, teria denotado um temor pelo retorno do “fantasma” de Rhodes após o enterro), amarrado de maneira não cerimoniosa a grandes sacolas pretas (como quando um corpo é recuperado após uma tragédia), os olhos de Rhodes foram pichados de um laranja vivo. As “mortaldas” foram removidas (movendo a estátua de seu estado de “defunto”) para um estado de aprisionamento “vivo”, com a estátua estranhamente sentada em uma caixa de madeira como um prisioneiro por um ou dois dias, seu olhar fixo e desejoso voltado para o oeste, em direção ao Cairo, foi efetivamente barrado. Quando a estátua foi finalmente removida, um grupo de estudantes negros chicoteou repetidamente a face de Rhodes enquanto acompanhavam “o corpo” ao “carro fúnebre” que o removeria para um “lugar de descanso” e de arquivo. Após a remoção, uma grinalda foi colocada por alguém no lugar do “enterro” e um artista pichou o fantasma de Rhodes como uma grande sombra nos degraus do lugar. Onde Rhodes um dia se sentou, está uma caixa de madeira pintada de cinza e sua sombra. Essas coisas fantasmagóricas são tudo o que se permite que permaneça.

Apesar das complexidades envolvidas na memorialização de monumentos, o argumento para retenção de história e herança e os imperativos legais e democráticos envolvidos⁵⁸, esse momento de “enterro” da estátua de Rhodes na Universidade da Cidade do Cabo foi, para muitas pessoas, – como presenciado por um pôr do sol lento em nossa antiga Hoerikwaggo (“montanha do mar”) – catalisador, catártico e enormemente histórico, com suspiros e vibrações sentidas no coração de Londres, a milhares de quilômetros pelo oceano.⁵⁹

Hoerikwaggo é uma montanha que presenciou e enfrentou antigos incêndios e enterros. Em uma discussão de relações sociais e econômicas em uma antiga colônia escravista, Robert Shell (1994) escreveu *Children of Bondage* sobre a revolta de pessoas escravizadas em 1688 na Cidade do Cabo, liderada por uma pessoa negra, Sante van Sante Jago, do Cabo Verde, e uma pessoa escravizada, Michiel,⁶⁰ com a ambição de “queimar

⁵⁸ Por exemplo, Albie Sachs visitou a estátua de Rhodes, em março de 2016, antes de ela ser removida de seu local na UCT e argumentou pela manutenção da estátua de Rhodes “viva” para “forçá-lo” a assistir à nossa democracia constitucional. Ver: <<http://www.uct.ac.za/dailynews/?id=9064>>. Acesso em: 7 ago. 2021. Parece que a voz “racional” e “ponderada” de veteranos/as do ANC (como era o caso de décadas atrás quando a constitucionalidade era muito mais “ouvida” em discursos públicos do ANC) não tem encontrado favor para si com um crescente movimento jovem negro impaciente (exceto pela EFF).

⁵⁹ Ver: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-32236922>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁶⁰ É agora reconhecido que a maioria das pessoas escravizadas da Cidade do Cabo perdiam seus nomes e recebiam outros nomes – simplesmente nomes como adjetivos ou substantivos, nomes de calendários (Janeiro, Outubro etc.), nomes clássicos (Cupido etc.), nomes do Velho Testamento da Bíblia (Salomão e Moisés) como maneira de desumanização e de humilhação. (Ver: *Children of bondage*, de Robert Shell). A lista

casa por casa até virarem cinzas”. A cidade de Stellenbosch, como lugar de escravização e de revolta (também ainda sem reconhecimento público), foi queimada em 1710.⁶¹ Sempre houve um grande medo do fogo na Cidade do Cabo, não apenas por causa da devastação que ele causa nas habitações de pessoas pobres atingidas pela notória “Páscoa Negra do Sul” – também associada com enchentes e tempestades na Cidade do Cabo –, mas também pela forma como a revolta contra o sistema escravista foi expressa, valendo-se do poder destrutivo dos fortes ventos do Cabo das Tormentas⁶². Incêndios criminosos (e muitas outras tentativas disso) na colônia escravista na Cidade do Cabo foram brutalmente punidos com atos tais como ser “queimado(a) vivo(a)”, ser empalado(a) e quebrado(a) na roda.⁶³

A Universidade da Cidade do Cabo ocupa um grande espaço na histórica paisagem de Hoerikwaggo com proximidade geográfica do Castelo da Boa Esperança (no qual se celebra Lady Anne Barnard em detrimento de sis’Krotoa),⁶⁴ do memorial Prestwich (no qual bebemos café Truth com nossas costas voltadas para o ossuário que abriga os restos humanos de mais ou menos 2.500 pessoas pobres e anteriormente escravizadas em pequenas caixas arqueológicas marrons), e do notório Gallows Hill (em que pessoas de classe baixa estiveram entre as que foram enforcadas; agora, o irônico nome de um ponto de ônibus, “Minha cidade” [My City Bus. N.T.], fica do outro lado do Departamento de Tráfego Sinal Verde). A UCT também faz parte da paisagem montanhosa de Kirstenbosch, primeira linha de segregação feita por Van Riebeeck.⁶⁵ O Castelo da Boa Esperança, com sua “bestial” fundação em 1666,⁶⁶ é conhecido por seu temível “buraco negro”⁶⁷ e câmara de tortura como parte do encarceramento de quem fosse acusado de atos de resistência.

de funcionários(as) da UCT (incluindo trabalhadores(as) gerais) provavelmente revelaria um forte legado em seu baixo pagamento “terceirizado” e força de trabalho interna.

⁶¹ Ver: *Children of Bondage*, de Robert Shell (1994).

⁶² Consequentemente, razão para o desenho urbano dos canais da cidade (Heerengracht e Kaizergracht).

⁶³ Argumenta-se que essas eram punições da Europa da época, e que a Cidade do Cabo (como sua colônia) não seria exceção a isso.

⁶⁴ “Sis” denotando respeito.

⁶⁵ Van Riebeeck plantou uma sebe com amêndoas selvagens no caminho das terras de pastagens Khoi e San, o que levou a um posterior conflito entre eles(as) e os(as) holandeses(as), como primeira “fronteira” entre a sede da Companhia das Índias Orientais da Holanda e os(as) Khoi e San. Vestígios da sebe ainda permanecem nos jardins de Kirstenbosch, próximo à UCT. Além disso, pessoas negras que viveram no espaço de Kirstenbosch em Hoerikwaggo e nas áreas em torno de Newlands, Vila Protea e Constantia também sofreram sob o *apartheid* com remoções forçadas para regiões periféricas e empobrecidas nas regiões dos Cape Flats, em áreas como Grassy Park, Steenberg e Mitchells Plain. Ver: <<http://www.iol.co.za/news/south-africa/settlement-for-kirstenbosch-removals-86075>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

⁶⁶ O símbolo numérico “666” é visto por alguns ativistas Khoi e San como denotador de um mau econômico e de conspiração política na Cidade do Cabo e um sinal de maçonaria; uma interpretação provável da “besta” no Novo Testamento ou de “Anticristo”.

Meu ponto é que vivemos e trabalhamos no íntimo do espaço da universidade em Hoerikwaggo, com a presença do trauma pouco reconhecido de ondas *ininterruptas* de feridas físicas, psicológicas e espirituais desde os 1650, o que inclui décadas de expropriação de terras e trabalho de migrantes: o Ato de Terra de 1913, políticas segregacionistas, 1948, e diversos crimes contra a humanidade aos quais se sucederam várias leis do *apartheid*. A percepção popular é de que 1994 não trouxe o alívio esperado para a maioria nesse processo histórico da “ferida profunda e contínua”.

Muito do espaço que hoje a UCT ocupa tem sido lentamente questionado, reivindicado, ocupado, e intervenções intelectuais apropriadas são requisitadas através de *novas maneiras de escuta*. Para algumas pessoas, é o espaço de solo fúnebre de antigos povos Khoi e San e de pessoas escravizadas, cujos(as) descendentes (como trabalhadores(as) da universidade, estudantes e funcionários(as) têm sentido que eles estariam “impedidos(as) de lamentar”,⁶⁸ usando, aqui, a expressão escolhida por Memory Biwa em uma discussão do ossuário no Memorial Prestwich.⁶⁹ É um espaço em que pessoas Khoi e San expropriadas de suas terras se veem rejeitadas, “periferizadas”, “minorizadas” e “invisibilizadas”.⁷⁰

Na diversidade de pessoas de outras partes da África escravizadas no Cabo, o Oriente e os povos indígenas ficaram entrelaçados, alguns como “pessoas de cor”⁷¹, outras como “africanas”, sob a classificação aleatória do *apartheid*, sendo essas as pessoas que limpam nossos escritórios e banheiros, os(as) vários(as) administradores(as) invisíveis, aqueles(as) que cuidam de nossos jardins, trabalhadores(as) da manutenção, construtores(as) – frequentemente estudantes pobres de Langa, Mitchells Plain – pessoas que muitos(as) acadêmicos(as) ignoram facilmente pelos corredores e provavelmente não

⁶⁷ Tem sido observado desconfortavelmente por estudantes no Portal da Memória da Universidade de Stanford que a loja do Museu Militar do Castelo vende artigos para crianças lançando luz sobre espaços de encarceramento “assustadores” (como o “Buraco negro”, que para ativistas Revivalistas Khoi é um lugar de “trauma”). A administração do Castelo do Cabo da Boa Esperança reconheceu o problema da contínua história de uma versão “higienizada” do espaço em um texto enviado ao ministro da defesa em dezembro de 2015 na preparação dos 350 anos de comemoração. Ver: <<http://www.vocfm.co.za/castle-of-good-hope-marks-350-years/>>. Acesso em: 28 jul. 2021.

⁶⁸ Pode haver a necessidade de rituais espirituais, limpeza e lamentação. Ver: <<http://www.uct.ac.za/dailynews/?id=8921>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

⁶⁹ Citando acadêmicos sobre memorialização de restos humanos.

⁷⁰ Usando aqui os termos frequentemente usados pela antropóloga Harrison em seu discurso.

⁷¹ Que, de várias narrativas locais familiares de “origens” na Cidade do Cabo, também inclui pobres da Europa que vieram para a Cidade. Um exemplo é a narrativa compartilhada recentemente com aulas do Portal da Memória da Universidade de Stanford, em fevereiro de 2016, de diversas origens de famílias narradas por ex-residentes do Distrito Seis no Museu do Distrito Seis [District Six Museum. N.T.] .

cumprimentam.⁷² Esse grupo invisível – que inclui acadêmicos(as) ativistas que cotidianamente e como ato de resistência têm sobrevivido a traumas psicológicos da experiência do *apartheid* na UCT – lutou contra um sistema injusto e racista e é quem pode estar ocupando o escritório ao lado. Eles(as) são as pessoas que são referidas frequentemente como “os que não se encaixam muito bem”, porque são intelectualmente ruptores(as); eles(as) assombram a fragilidade do academicismo branco.

Em meu próprio período de academia, eu promovo essa ruptura. Então, escolhi apresentar este seminário com Bradley van Sitters hoje,⁷³ uma figura de liderança do Movimento Revivalista Khoi e San e um ativista acadêmico que trabalha lado a lado com Catherine Odora-Hoppers que, na Fundação Nacional de Pesquisa (NRF), ocupa a cadeira de Desenvolvimento da Educação da Universidade da África do Sul (Unisa). Bradley é minha voz igual, às vezes minha consciência. Viemos da mesma área no Cape Flats perto de Vrygrond⁷⁴ (“Terra Livre”), que é parte da atual Lavander Hill,⁷⁵ perto da praia de Muizenberg onde minha falecida mãe me levava para caminhadas pelos campos para me passar seus conhecimentos Khoi e San. Bradley, assim como eu, carrega uma forte autoidentidade Khoi e San através de nossa ancestralidade materna e vemos nosso processo acadêmico como parte de nosso ativismo por justiça social.

O trabalho de Bradley é parte de um “movimento de ocupação” intelectual e de herança no Parlamento (para que os(as) Khoi e San sejam escutados(as) na nova África do Sul), no Castelo da Boa Esperança (para ensinar línguas Khoi e San e para prover uma contranarrativa quanto à tortura e ao assombro do espaço muito higienizado “Lady Anne

⁷² Muitas dessas assertivas emergiram no último ano em discussões públicas e imbizos [reuniões convocadas por lideranças tradicionais. N.T.] para a transformação da UCT.

⁷³ Infelizmente, Bradley van Sitters não pôde apresentar esse artigo, por estar participando de uma conferência no Castelo da Boa Esperança, onde ocupa o posto de ativista revivalista Khoi e San. A intenção era que Van Sitters abrisse o seminário com uma oração Khoi e San e a queima de *mphepo* como maneira de limpar o “espaço” para permitir uma “abertura” de vozes suprimidas e raivas não expressadas, amargor, medo, sentimentos de alienação e discriminação etc. e para facilitar novas formas de “escuta” no discurso acadêmico.

⁷⁴ Um lugar chamado Rondevlei. É onde minha família se estabeleceu como consequência da remoção forçada de Simonstown em 1960.

⁷⁵ Criado pelo regime do *apartheid* para realocar residentes forçadamente removidos do Distrito Seis e outras áreas ao redor de Hoerikwaggo. Na infância, no final dos anos 1960, me lembro de assistir a tratores amarelos limparem dunas perto de nossa casa aos sábados e domingos para dar espaço a apartamentos subeconômicos para as pessoas desalojadas. Os tratores barulhentos trabalhavam a noite inteira para realocar uma longa lista de centenas de pessoas desalojadas. Após me mudar de Simon's Town, que era declarada uma região branca, minha família precisou se mudar novamente em 1976 para dar espaço para a “rodovia” Príncipe George para o Conselho da Cidade que foi planejada para separar a recém-criada Lavander Hill, destinada a pessoas de cor, da adjacente região branca, Zeekoevlei, onde o mundialmente famoso cardiologista da UCT, Christiaan Barnard, viveu. Embora tenhamos tido que nos mudar, essa rodovia “planejada” nunca foi construída.

Bernard”), em Mossel Bay (para problematizar o paradigma de 1488 sobre a “descoberta” do sul da África por Bartolomeu Dias, percebida por ativistas locais como lugar das primeiras atrocidades europeias, no qual o “derramamento de sangue indígena” foi cometido) e em Swellendam (onde havia um corrente ruído sobre um restaurante nomeado de "Whipping Post" [Poste de chicotadas ou Pelourinho. N.T.], em um lugar antigamente ocupado por pessoas Khoi e San e pessoas escravizadas como parte do Complexo de Museu Drostdy). A diretoria desse museu atraiu atenção da mídia em novembro de 2015 por acusações de crime por ignorarem a legislação sobre a herança e autorizarem a construção de um forno para pizza sob um teto de palha na área em que as pessoas escravizadas eram chicoteadas.

A ação de comer em um lugar de trauma e encarceramento também foi questionada, junto com o inapropriado e insensível ato de nomear o museu como “The Whipping Post”.⁷⁶ Em conversas recentes com os(as) funcionários(as) do Programa de Trabalho Público Estendido (EPWP) no lugar, o que se conta é que um grupo liderado pelo ativista civil Mario Wanza⁷⁷ ameaçou queimar o complexo do museu se eles(as) não fossem escutados(as) sobre o (que é percebido como) “canibalismo” em espaços da memória do trauma Khoi e San.⁷⁸ A história conta que pessoas locais descendentes de Khoi e San são constantemente ignoradas por autoridades municipais e não são escutadas – daí a ameaça de incêndio. Após isso, o restaurante foi renomeado como “The Trading Post” [Posto Comercial/Armazém. N. T.], embora continue sendo um lugar para comer.

Essa noção de “não escutar” e de não ser “escutado(a)” (nos contextos presente e colonial) sem dúvida tem uma longa data, tão longa quanto os atos incendiários, e é um tópico identificável em discussão através da história da África do Sul, como evidente em (entre outros) um vasto arquivo colonial no Julgamento de Rivonia, na Comissão de Verdade e Reconciliação, no negacionismo de Mbeki sobre a HIV/AIDS, Marikana e a resistência presente dentro do partido vigente⁷⁹ relativa às decisões constitucionais de 11 dos(as) juízes(as) em Nkandla.

Uma das limitações mais conhecidas do TRC é que, embora reconhecendo sua importante função histórica na época por estabilidade e coexistência racial pacífica na África do Sul, por causa de seu mandato legal com relação a “violações humanas brutais

⁷⁶ Ver: <<http://www.iol.co.za/news/politics/welcome-to-the-whipping-post-have-a-seat-1951947>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁷⁷ Mario Wanza é um ativista muito conhecido e que tem feito campanhas por moradia e serviços municipais, bem como é conhecido pelo relançamento da UDF recentemente.

⁷⁸ Baseado em conversas com funcionários/as da EWPW no Museu Swellendam Drostdy em 21 de fevereiro de 2016.

⁷⁹ Ver: <<http://mg.co.za/article/2016-04-13-ancwl-reiterates-support-for-president-zuma/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

em 1960”, a maioria das feridas intergeracionais não foi “escutada” nas “audições” do TRC.⁸⁰

Como sabemos, escutar é um valor humano sagrado, que não fazemos apenas com nossos ouvidos ou nossos olhos.⁸¹ Também nos comunicamos através de nossos gestos corporais e em nossos silêncios ou ações de inclusão e nas ações deles(as) de exclusão de espaços físicos e virtuais, de exclusão de outras pessoas de redes de profissionalização e reuniões sociais elitistas e de eleições partidárias.

Nessa longa leitura de “escuta” em Hoerikwaggo, permita-me compartilhar com você meu primeiro despertar para a “conscientização explícita” de escuta que veio de minha falecida mãe em nossa última conversa, 15 dias antes de seu falecimento. Quando perguntei a ela, nessa triste ocasião de permanente separação terrestre, se havia algo que ela queria me dizer antes de ir para essa “boa noite”,⁸² a resposta dela foi que havia uma “sabedoria anciã” a compartilhar comigo; que embora eu fosse acadêmica, faltava-me uma base de letramento em *escuta*. Em sua raiva de perder seu jeito de ser terreno, urgia a ela que me dissesse que a real sabedoria reside em escuta, escuta *cuidadosa*, uma escuta *respeitosa* como uma forma mútua que sustenta nossa humanidade. Ela urgia que eu entendesse que se eu quisesse realmente ensinar e aprender nesse mundo, eu deveria praticar “escutas genuínas”. Essa foi a mãe que nos levava para longas caminhadas pelos campos nos domingos à tarde para nos ensinar sobre plantas e ervas Khoi e San; como desenterrar raízes, o que era comestível e o que era medicinal nos campos.

Após longas caminhadas em direção a Zeekoeivlei (porque não podíamos ir perto das praias de Muizenberg, pois eram exclusivas para pessoas brancas), nós parávamos para descansar no topo de uma duna para comer nossas raízes frescas e frutas. Com nossa mãe, olhei em direção à Table Mountain, em direção à UCT, que aparecia como um pequeno ponto avermelhado à distância em Hoerikwaggo. Quando criança, crescendo sob o *apartheid*, frequentando a escola primária⁸³ da Associação de Distresse [associação para

⁸⁰ Como resposta a isso, o Projeto Arquivo do *Apartheid* estabeleceu um projeto internacional na África do Sul para prover acesso a 5 mil contos pessoas ou narrativas da experiência do *apartheid*. Conferências aconteceram entre 2009 e 2014 e contou com a presença de pesquisadores/as como Pumla Gobodo-Madikizela, autora de “A Human Being died that night” [“Um Ser Humano morreu naquela noite”. N.T.], e a poeta e autora Gabeba Baderoon.

⁸¹ Não denotando a exclusão de pessoas com deficiência visual ou auditiva, visto que “escutar” não é apenas fisiológico.

⁸² Uma interpretação adaptada da frase de Dylan Thomas, “não entre gentilmente nessa boa noite”.

⁸³ A Associação de Distresse dos Cape Flats foi fundada em 1942 como uma comissão para a pobreza e sem-teto nos Cape Flats. Uma propriedade foi criada em meados dos anos 1940 para pessoas pobres e de cor na região. Com as remoções forçadas sob o regime do *apartheid*, isso também realojou pessoas removidas forçadamente da Vila Harfield, Claremont, Newlands, Distrito Seis etc. A escola foi estabelecida durante os anos do *apartheid* (agora renomeada como Associação Cafda de Desenvolvimento).

ajuda e atendimento a moradores. N.T.] dos Cape Flats em Retreat à época, essa *distância* era real de várias maneiras. Era onde pessoas brancas viviam, socializavam e faziam suas conquistas. Hoerikwaggo se tornou o espaço exclusivo para madames e chefes. *Não era para nós.*

Meu mundo Khoi e San ao redor dos pântanos nos Cape Flats era uma outra realidade muito carente, embora fosse terrena e universalmente conectada com Hoerikwaggo. Na sexta-feira à tarde de seu falecimento, naquela primavera, quando as *vygies* estavam florescidas naquelas mesmas dunas de areia branca, minha mãe me pegou pela mão para uma longa “caminhada” de volta à minha infância, pelos campos entre as dunas para ouvir o zumbido das abelhas, que desapareceram, para ouvir o grasnar dos pelicanos voando com seus longos bicos amarelos pelo vasto céu azul em direção ao inalcançável ponto vermelho em Hoerikwaggo. Ouvimos o som do banho dos flamingos rosas no lago próximo, assistimos às tartarugas cuidadosamente se arrastando sob os arbustos e sentimos o cheiro de fragrâncias herbais confortantes das folhas desses arbustos que esfregamos entre nossas mãos. Naquela tarde, pouco depois das quatro horas, o último suspiro de minha mãe foi dado e ela me incitou a *escutar* e a *me lembrar*.⁸⁴ Enquanto ela ia de seus ossos de volta para retornar a ser parte da terra Khoi e San da Cidade do Cabo, eu contei suas sete respirações finais e escutei.

Eu me lembrei, então, que minha mãe me confessou, no final dos anos 1990, com a primeira conferência internacional Khoi e San na Cidade do Cabo, que ela podia falar a língua Khoi e San e sabia os cliques, mas, como suas(seus) ancestrais, ela silenciou a própria língua para não ser “escutada”, não ser “nativa” e, portanto, ser entendida como “sub-humana” no regime segregacionista do *apartheid* na Cidade do Cabo. Naquela tarde, aprendi o verdadeiro significado de escuta de seus sete últimos respiros, quando ela passou para a “boa noite” com sua cabeça descansando no meu colo. Sua força ancestral nesses sete últimos suspiros e a ruptura de sua garganta⁸⁵ me lembraram de sua língua Khoi e San por muito silenciada; seu último suspiro foi um final doloroso, suave e longo para os ventos da Cidade do Cabo, aqui em Hoerikwaggo.

Quando retornei a Londres, onde morava na época, após colocá-la para descansar nas areias brancas da Cidade do Cabo, coberta com *vygies* recém-abertas pela primavera, recebi as boas-vindas dos(das) Khoi e San que visitavam o Instituto San da África do Sul (no qual trabalhamos em conjunto em uma *lalela*, como parte do Panorama da África do Sul no Museu Britânico). Eles(as) fizeram para mim um colar com miçangas de avestruz

⁸⁴ Minha mãe era do Movimento Griqua, do qual seu avô era secretário nacional. Ela relatou histórias de brincadeiras na infância no Hankey (onde Sarah Baartman foi enterrada), quando eles viajavam de cidade em cidade para cantar e rezar pelo retorno dos povos Khoi e San para suas terras.

⁸⁵ Refiro-me a uma expressão de Credo Mutwa.

com um triângulo como totem de comunicação com o espírito de minha mãe. Fui instruída a usar o colar para “ouvir a voz dela” no vento e para “aprender a importante lição da escuta”.

Eu sei que minha experiência com a morte não é única (e muito obrigada por me escutarem); é parte de uma experiência humana – todas(os) nós temos nossas próprias histórias íntimas e encontro com a morte de pessoas amadas. Algumas(uns) de nós já conhecemos a dor da perda de uma mãe. Mas escolho falar sobre a morte de alguém que amo, porque acadêmicos(as) são humanos forçados a um sistema competitivo, adoecedor, estéril, violento e mercenário. Para sobreviver, frequentemente nos esquecemos de nossa própria humanidade no sistema epistemologicamente violento. Instituições de ensino superior operam como “bestas” científicas coloniais e ocidentais reguladas como parte da histórica “industrialização” por uma “produção científica”. Competindo pelo próprio espaço global como “besta”, a Universidade da Cidade do Cabo nasceu como um espaço de vida e de morte,⁸⁶ de visibilidades e de invisibilidades; de poder subversivo⁸⁷ e de opressão.⁸⁸

Após um grande período de saudades de pertencer à paisagem Khoi e San de Hoerikwaggo, eu preenchi um desejo maternal ancestral de ganhar entrada na UCT como graduanda no começo dos anos 1980 (embora com permissão especial de Pretoria por causa do *apartheid*). Estive aqui por muito tempo, inclusive nesse prédio onde treinei como professora como parte dos meus estudos de pós-graduação, em 1984. (Incidentalmente, foi Neville Alexander que, como um de meus mentores, escreveu para mim a minha primeira recomendação para que fosse contratada como professora nos Cape Flats). Eu investi em mais graus em minha formação aqui e nessa longa jornada engoli incontáveis momentos de humilhação, como muitas(os) de nós fizeram na geração de sul-africanas(os) oprimidas(os). Como muitas(os), eu sobrevivi à UCT e a tornamos um espaço de resistência, usando os banheiros no Prédio Beattie [da Faculdade de Humanidades. N.T.] para distribuir nossos panfletos *antiapartheid*.

Dada a natureza das explosões públicas no *campus* no último ano, está evidente que universidades historicamente brancas na África do Sul não têm outra opção que não seja a de tentar se mover para além de seus “espaços”; elas devem se tornar espaços de escuta, espaços brandos, espaços sem fronteiras, espaços *lalela*, lugares de “limpeza ritualística” e

⁸⁶ Refiro-me aqui a uma pesquisa médica muito necessária para sustentar a vida (a UCT é internacionalmente reconhecida em pesquisas sobre tuberculose nas ciências da saúde etc.), ainda que a “morte social e econômica” possa ser resultado de exclusão ou poucas taxas de sucesso para pessoas pobres e marginalizadas.

⁸⁷ Certos cursos acadêmicos prepararam e continuam preparando muitos(as) ativistas de esquerda.

⁸⁸ Como evidenciado em narrativas de experiências de estudantes, declarações da Eleição de Acadêmicos(as) Negros(as), diálogos de transformações públicas e imbizos de funcionários/as no último ano.

cura do trauma intergeracional e do espaço percebido como perpetuador de um “mal contínuo”. Eu fui apresentada ao conceito de “*lalela*” pelo zulu Eugene Skeef, um confidente do falecido Steve Biko que viveu exilado em Londres durante o *apartheid*.⁸⁹ Eu conheci Eugene entre as grandes e envolventes portas do Museu Britânico, em 2012. Eugene havia boicotado o Museu Britânico colonial até aquele momento. Concordamos em trabalhar em conjunto no projeto da Paisagem Sul-Africana. Essa era uma “intervenção de visibilidade”, usando os sentidos de escuta e toque para que visitantes explorassem a paisagem e tivessem novas conversas. Skeef explicou em *workshops* posteriores com sul-africanos(as) que *lalela* requer uma “convocação” para “escutas profundas”.

Em termos de noção de *lalela* e “escuta profunda”, há percepções que a raiva ancestral requer que “a besta” seja sacrificada para que as feridas intergeracionais sejam curadas. O que é essa “besta”? Que forma histórica e contemporânea isso ganha em uma universidade historicamente branca, como a UCT? Como ela muda, evolui?⁹⁰ O que precisamos sacrificar para curar esse espaço? Que estratégias devem ser empregadas para fazer esse sacrifício necessário e inevitável, para transformá-lo em uma energia intelectual e criativa que transforme nosso sentido de conhecimento e de academia?

No Castelo da Boa Esperança, ativistas do Movimento Revivalista Khoi e San sacrificam “a besta” através de ocupação e de contranarrativas *dentro* do espaço, por cânticos ritualísticos para nomear os espaços de tortura, encarceramento e execução pelo que eles são, por fazer uma contracuradoria do castelo como lugar de memória, queimando *mphepo*, ensinando a língua Khoi e San. O Castelo da Boa Esperança é, assim como a UCT, um lugar assombrado, no qual “fantasmas” sem descanso são “vistos”.⁹¹ No começo dos anos 1980, um pequeno grupo ativista de estudantes negros(as), estudando na UCT com permissão do *apartheid*, reunia-se regularmente em uma saleta no prédio de ciências para sessões de chamamento dos espíritos que vagavam pela paisagem, para encontrar sanidade nos encontros dolorosos de racismo que prevaleciam na intimidade de pequenas salas de aula. Essas sessões eram frequentemente dramáticas (com copos de vidro levitando de tábuas de Ouija e sendo arremessados nas paredes por “espíritos”), dando a esses(as) estudantes negros(as) a energia psicológica para sobreviver ao alienante

⁸⁹ Skeef trabalha internacionalmente na área de cura e trauma em sociedades “pós-conflito”.

⁹⁰ Reconhecendo aqui contribuições feitas por Francis Nyamnjoh, em resposta a esse artigo no Seminário de Antropologia de 1º de março de 2016, sobre noções da “besta” na UCT.

⁹¹ Por exemplo, as “investigações” de “assombração” nos espaços de encarceramento do Castelo da Boa Esperança Ver: <<https://www.youtube.com/watch?v=v1CLZoX334>>. Acesso em: 20 jul. 2021. Esses eventos também são postados em um blog oficial de turismo da África do Sul, com “convicção” de quem foi executado(a) ali.

apartheid da UCT da época.⁹²

Ainda que queiramos acreditar, certamente não estamos em um espaço neutro na UCT ou em qualquer outra instituição de ensino superior. Em meu próprio discurso sobre educação superior, eu não estou tão disposta a usar o desgastado termo “decolonial”, mas muito mais “ocupar”. A palavra “decolonial” ainda está presente como “resposta”, muito mais que uma agência social autodeterminada. Ocupar é *ser*, é *reivindicar* sem explicação. O movimento global de ocupação é ativismo acadêmico que não pede para ser escutado, mas *compele* que o seja e, assim, reivindica e cria um *ethos* de pertencimento para os(as) “minorizados(as)” e “marginalizados(as)”. Isso é parte do trabalho “cotidiano” incompleto do TRC na África do Sul. Não temos escolha senão escutar e escutar *genuinamente*. Talvez precisemos falar sobre o que isso implica, essa noção de “escuta genuína” além da “voz”.

Em uma academia “engajada”, nós não falamos meramente de “resposta social” (sugerindo deslocamento e “lá fora”), nós reivindicamos o espaço para todas as práticas de conhecimento e processos em que *lalela* tem valor e nos quais noções de inferioridade e superioridade de conhecimento são problematizadas até seu núcleo – em que perspectivas indígenas são genuinamente valorizadas e estão presentes. Se implementada conscientemente por nós em nossos métodos de ensino e em nossas redes de contatos de poder e de recrutamento, praticar *lalela*, genuinamente, certamente terá uma longa contribuição para as conquistas entre estudantes negros(as) e pobres para uma sociedade pacífica, harmônica e próspera. É um imperativo público do NRF, por exemplo, que se contrate e treine funcionários(as) locais e também que a UCT encontre estratégias inovadoras para conservá-los(as) como acadêmicos(as), professores(as) e pesquisadores(as).

O quadro de trabalho de *lalela* para ensino e práticas autorreflexivas em instituições de ensino superior defende uma abordagem acolhedora para educação, e não uma que seja punitiva ou alienante. É essencialmente uma forma de academia ética construída com parcerias iguais entre produção de conhecimento e pesquisa. Dito isso, reconheço e respeito que algumas(uns) de nós já fazemos isso e temos feito há muito tempo.

Sabemos que acadêmicos(as) não são pessoas em que se deposita confiança. Nós apenas precisamos olhar para os manuais de antropologia e sociologia sobre como lidar com “desconfiança” e como construir “confiança” em pesquisa participativa etc. O que podemos compartilhar entre nós sobre estratégias de intervenção acadêmica e ocupação e como podemos melhor compartilhá-las? Como essas intervenções são e como elas podem impactar na transformação/mudança institucional? É um modelo de “resposta social”

⁹² Um relato dessas sessões na UCT é narrado no livro semiautobiográfico da autora sobre seus anos de estudante de graduação no começo dos anos 1980 (*Peeping through the reeds*, 2010 [*Espiando do canavial*], sem edição no Brasil. N. T.).

suficiente? Como podemos prevenir que se torne mais um modelo com funcionamento comprometido?

Com a sobrevivência ao trauma intergeracional, vêm a criatividade e a inovação construídas em décadas de conhecimento experiencial, não apenas encontrado em trabalhos de campo e em arquivos institucionais. Acadêmicos(as) que sobreviveram a sociedades em transição de períodos de guerra, genocídios, *apartheid*, o Holocausto etc., têm grandes contribuições a fazer para a educação superior e o ensino em geral. Como podemos, por exemplo, fazer usos estratégicos do capital intelectual e de redes de confiança que ativistas da educação popular *antiapartheid* (que, por configuração histórica, são frequentemente tidos(as) como “acadêmicos(as) traumatizados(as)”) constroem como agentes de mudança no movimento de ocupação da educação superior atual, quando alguns(mas) acadêmicos(as) dizem estar mal equipados(as) para ensinar em momentos revolucionários, pelas maneiras como são informadas as estratégias e as habilidades de escuta? Quais são os investimentos e o capital úteis trazidos por esses(as) acadêmicos(as) (que são frequentemente da periferia) que podem aumentar a capacidade de pesquisa e de credibilidade para nosso trabalho, transformando e envolvendo o panorama da educação superior?

Muito da “nova” academia aproveita-se de uma “velha” academia – como compreender contexto histórico, a longa tradição de historiografia opositiva,⁹³ metodologias interdisciplinares (que foram a chave para o movimento de educação popular nos anos 1980, por exemplo). Essa geração é também um grande arquivo de conhecimentos experimentais inexplorados que ainda continuam sem espaço para serem aplicados sistematicamente na nova África do Sul.

Uma academia *lalela* levará necessariamente mais tempo, mas é, sem dúvida, mais sustentável, embora requeira mais paciência e recursos para se implementar. É uma forma de justiça restaurativa e de cura. Estratégias *lalela* através de “ocupação espacial e intelectual” precisam não ser violentas. Odora Hoppers fala de “negociação” em espaços de ensino superior; por exemplo de “variação de terreno de antagonismo e de violência”. Todas(os) nós temos uma responsabilidade intelectual e constitucional de romper ciclos de humilhação e de esquecimento forçado, de silêncios impostos que causaram feridas longas e violentas – para, desse modo, tornar esses espaços agências criativas de transformação.

Em suma, eu estou argumentando por uma abordagem profundamente transformada para uma academia engajada baseada em *lalela* na UCT, dentro da assombrada paisagem de Hoerikwaggo; uma abordagem que, sensivelmente, leve em

⁹³ Em uma fala pública a estudantes negros(as) feita pela autora e por Xolela Mangcu em 2015, em Forest Hill, os(as) estudantes expressaram surpresa e consternação quando aprenderam sobre a construção histórica da identidade de cor, a maneira como o sistema de permissão funcionou durante o *apartheid*, a longa e diversa tradição de luta *antiapartheid* etc.

consideração nossas respectivas histórias e identidades, bem como uma história sócio-político-econômica da Cidade do Cabo e seus legados profundamente marcados pelas feridas.

Mais profundamente, é desnecessário dizer que o conceito de *lalela*, como escuta transformadora, está de fato profundamente enterrado nos princípios de nossa Constituição e nossa Carta de Direitos. A crise constitucional atual na África do Sul tem ilustrado uma dança insultuosa com o que é agora necessariamente sacrossanto⁹⁴ em termos de responsabilidade, comprometimento e valores em nossa democracia.

Visando manter o espaço da universidade aberto para debate e engajamento (escuta), precisamos sacrificar nosso autoengano, precisamos enterrar o “fantasma de Rhodes” em suas várias formas e “mortalhas” coloniais, precisamos conversar com as nossas identidades codependentes sem as quais cada uma(um) de nós e nossos conhecimentos não são completos.⁹⁵

O que significa realmente *escutar e se abrir para abordagens acadêmicas e maneiras de saber diferentes das nossas?*

A resposta para essa questão ainda é uma tentativa.

Afirmando minha própria identidade e pertencimento e daquelas de muitas mulheres acadêmicas autoidentificadas Khoi e San, enraizadas na fantasmagórica paisagem da UCT (no passado e no presente), eu gostaria de citar um poema de Toni Stuart, “The Woman speaks” [“A Mulher fala”. N. T]:

“My breath is in the cloth that sets Hoerikwaggo’s table... if you meet me in the Castle walls⁹⁶, know that my heart has already returned to the dunes”.⁹⁷

Para finalizar, eu desejo urgentemente o espírito de *lalela* (como intervenção holística) para que comecemos gentilmente uma jornada sábia para garantir conscientemente que a UCT seja um lugar de academia para o pertencimento e a retenção de muitas Krotoas e Sarah Baartmans, em suas diversidades ancestrais e descendentes relacionadas a Hoerikwaggo, e não apenas *sobre* elas.⁹⁸ Esse será um indicador significativo de uma universidade genuinamente transformada para um lugar de academia engajada e

⁹⁴ É reconhecido que a Constituição é o produto de um acordo negociado e problemático para algumas pessoas.

⁹⁵ Ver, por exemplo, Ari Sitas sobre a essencial natureza simbiótica da construção do conhecimento como uma maneira de avanço nas humanidades. Ver: < <http://mg.co.za/article/2012-04-26-way-forward-for-the-humanities>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

⁹⁶ Também simbolicamente as “paredes” da UCT.

⁹⁷ “Minha respiração está no tecido que põe a mesa de Hoerikwaggo... se você me encontrar nas paredes do castelo, saiba que meu coração já retornou para as dunas”. [N. T.]

⁹⁸ Tem havido uma significativa saída de mulheres descendentes de Khoi e San (que são estudantes da UCT) do espaço. Elas têm sido bem vindas em outras universidades. Em conversa, elas reclamam que não têm sido ouvidas, têm sido invisibilizadas, não têm sido escutadas na UCT.



relevante como parte de Hoerikwaggo e pressagiaria bem um ensino superior transformador na África do Sul, onde escuta genuína é um valor sacrossanto, central em nossa constitucionalidade.

Lalela.



REFERÊNCIAS

- ADHIKARI, M. A total extinction confidently hoped for: The destruction of Cape San society under Dutch colonial rule, 1700–1795. **Journal of genocide research**, vol. 12, n. 1-2, 2010, p. 19-44.
- ADHIKARI, M. **The anatomy of a South African genocide**: The extermination of the Cape San peoples. Ohio: Ohio University Press, 2010.
- AHMED, A. K. #RhodesMustFall: Decolonization, praxis and disruption. **Journal of Comparative & International Higher Education**, vol. 9, 2017, p. 8-13.
- ALEXANDER, N. **An ordinary country**: Issues in the transition from apartheid to democracy in South Africa. New York: Berghahn Books, 2003.
- ALEXANDER, N. Affirmative action and the perpetuation of racial identities in post-apartheid South Africa. **Transformation: Critical Perspectives on Southern Africa**, vol. 63, n. 1, 2007, p. 92-108.
- BAM, J. Contemporary Khoisan identities in the Western Cape and campaigns for social justice, in *Bulletin of the National Library of South Africa*, vol. 69 n. 2, 2015.
- CONFINO, A., 'Remembering the Second World War, 1945 – 1965: 'Narratives of Victimhood and Genocide'. **Cultural Analysis**, vol. 4, 2005.
- FIKENI, L. **Protest, Art and the Aesthetics of Rage**: Social Solidarity and the Shaping [of] a Postrainbow South Africa. Ruth First Memorial Lecture, 21, 2016.
- GODONOO, P. Tribute to Paulo Freire: his influence on scholars in Africa. **Convergence**, vol. 31, n. 1, 1998, p. 30.
- HENDRICKS, F. The Mafeje affair: the University of Cape Town and apartheid. **African Studies**, vol. 67 n. 3, 2008, p. 423-451.
- KAMOLA, I. A. Pursuing excellence in a "world-class African university": The Mamdani affair and the politics of global higher education. **Journal of Higher Education in Africa**, vol. 9, n. 1-2, p. 147-168, 2011.
- GRANGE, L. A pedagogy of hope after Paulo Freire. **South African Journal of Higher Education**, vol. 25, n. 1, 2011, p. 183-189.
- MAMDANI, M. Teaching Africa at the post-apartheid University of Cape Town: A critical view of the introduction to Africa'core course in the social science and humanities faculty's foundation semester, 1998. **Social Dynamics**. vol. 24, n. 2, 1998, p. 1-32.
- MAMDANI, M. Amnesty or impunity? A preliminary critique of the report of the Truth and Reconciliation Commission of South Africa (TRC). **Diacritics**. vol. 32, n. 3/4, 2002, p. 33-59.



- MAMDANI, M. Between the public intellectual and the scholar: Decolonization and some post-independence initiatives in African higher education. **Inter-Asia Cultural Studies**. vol. 17, n. 1, 2016, p. 68-83.
- MAXWELE, C. Black pain led me to throw Rhodes poo', 2016. Disponível em: <<https://www.businesslive.co.za/bd/opinion/2016-03-16-black-pain-led-me-to-throw-rhodes-poo/>>. Acesso em: 3 ago. 2021.
- MOTSEMME, N. The mute always speak: On women's silences at the Truth and Reconciliation Commission. **Current Sociology**. vol. 52, n. 5, 2004, p. 909-932.
- MUSUVA. **Peeping through the Reeds**. Authorhouse: UK, 2010.
- NDLOVU-GATSHENI, S. J. Rhodes Must Fall. In: NDLOVU-GATSHENI, S. J. **Epistemic Freedom in Africa: Deprovincialization and Decolonization**. Routledge: Taylor & Francis, 2018.
- NTSEBEZA, L. The Mafeje and the UCT saga: unfinished business? **Social Dynamics**, vol. 40, n. 2, 2014, p. 274-288.
- NYAMNJOH, A. The phenomenology of Rhodes Must Fall: Student activism and the experience of alienation at the University of Cape Town. **The Strategic Review for Southern Africa**. vol. 39, n. 1, 2017.
- NYAMNJOH, F.B. Black pain matters: Down with Rhodes. **Pax Academica**. vol. 1, n. 2, 2015, p. 47-70.
- NYAMNJOH, F. B. **#RhodesMustFall: Nibbling at resilient colonialism in South Africa**. Orxford: African Books Collective, 2016.
- PEREZ, A. M.; AHMED, N.; LONDON, L. Racial discrimination: Experiences of black medical school alumni at the University of Cape Town, 1945-1994. **South African Medical Journal**. vol. 102, n. 6, 2012, p. 574-577.
- PETERSON, D. R.; GAVUA, K.; RASSOOL, C. The politics of heritage in Africa: Economies, histories, and infrastructures. In: PETERSON, D.; GAVUA, K.; RASSOOL, C. (Org.). **The Politics of Heritage in Africa: Economies, Histories, and Infrastructures**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- RAMOUI, N.L.L. African research and scholarship: 20 years of lost opportunities to transform higher education in South Africa. **Ufahamu: A Journal of African Studies**, vol. 38, n. 1, 2014.
- REED, J. **Ten Days that shook the world**. Londres: Penquin Classics, [1919] 1990.
- REPUBLIC of South Africa (2001), Ministry of Education, Manifesto on Values, Education and Democracy, Ministry of Education, Pretoria Available online at [https://www.dhet.gov.za/Reports%20Doc%20Library/Manifesto%20on%20Values,%20Education%](https://www.dhet.gov.za/Reports%20Doc%20Library/Manifesto%20on%20Values,%20Education%20)

20and%20Democracy.pdf. Acesso em: 6 August 2021.

REPUBLIC of South Africa, Constitution, [Adopted 1996], Pretoria, Available online at <https://www.gov.za/documents/constitution-republic-south-africa-1996> (Accessed 6 August 2021)

SHELL, R. **Children of Bondage**. Connecticut: Wesleyan University Press, 1994.

SHEEHAN, H. Class, race, gender and the production of knowledge: considerations on the decolonisation of knowledge. **Transform**. vol. 7, 2020, p. 13-30.

SKEEF, E. African drumming: a perfect tool for a more open and inclusive approach to intercultural education and development. **European Journal of Intercultural Studies**. vol. 10, n. 3, 1999, p. 329-338.

TERREBLANCHE, S.; HOLDT, K. von; TERREBLANCHE, S. J. **A history of inequality in South Africa, 1652-2002**. Pietermaritzburg: University of Kwazulu Natal Press, 2002.

WIEDER, A. Teachers/political prisoners: Oral histories from the struggle against apartheid. **Equity and Excellence in Education**. vol. 34 n. 3, 2001, p. 87-94.

WIEDER, A., **Voices from Cape Town classrooms**: Oral histories of teachers who fought apartheid. Frankfurt: Peter Lang Pub Incorporated, 2003.



Título em inglês:

**LALELA: OCCUPYING KNOWLEDGE PRACTICES AND PROCESSES
IN HIGHER EDUCATION IN SOUTH AFRICA (UCT AS CASE
STUDY)**

INVENTÁRIO